

# Câmbio chinês é assunto a ser tratado pelo FMI e não pela OMC

Organização do Comércio tem poder de retaliação, mas discussão sobre moeda não estaria no âmbito de sua legislação

Rafael Abrantes

rabrantes@brasileconomico.com.br

No momento em que a presidente Dilma Rousseff vai em busca de novos acordos no Oriente, o advogado e especialista em comércio internacional, Roberto Kanitz, sócio da consultoria Uno Trade Advisors, analisa particularidades do maior parceiro brasileiro no mercado mundial, como a desvalorização do câmbio chinês, e a influência da Organização Mundial do Comércio (OMC) sobre os interesses multilaterais. Autor de *Managing Multilateral Trade Negotiations: The Role of the WTO Chairman*, lançado recentemente, Kanitz defende que a questão cambial chinesa deveria ser discutida no âmbito do Fundo Monetário Internacional (FMI) e não na OMC.

## Como a Organização Mundial do Comércio (OMC) avalia a possibilidade de a China ser classificada como economia de mercado?

Ao entrar na OMC, em 2001, a China fez diversas concessões comerciais. Para reger esta situação de transição, foi firmado o tratamento da China como 'economia não de mercado' pelos outros países membros, permitindo-lhes investigações de dumping, de subsídios e medidas compensatórias. O Protocolo de Acesso permitiu a cada país fazer sua escolha. Em 2016, porém, todos os países deverão reconhecer a China como uma economia de mercado.

## Como a OMC avalia a prática de um câmbio desvalorizado pela China?

A OMC não trata em sua legislação das mudanças ou da equalização de câmbio. Houve algumas tentativas de abordar esse tema nas presentes negociações de Doha. O tema da desvalorização cambial das economias chinesa e americana deveria ser abordado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), porém a entidade não tem o mesmo poder de força da OMC. Normalmente, a OMC seria a primeira organização mundial com poder para definir uma retaliação entre países, caso um acordo não seja cumprido. Quer dizer, enquanto as demais organizações podem sugerir regras, a OMC as define e obriga que sejam seguidas.



Para Kanitz, diplomatas brasileiros e indianos se destacam na OMC, apesar de representarem países com orçamentos menores

“  
A Rodada de Doha está sendo prejudicada pelas ambições irrealistas dos EUA e pela falta de compromisso da União Europeia em suas propostas. Ambos estão tentando transferir a culpa [pelo emperramento nas negociações] para as principais economias emergentes, especialmente a China

## Como a China tem sido vista sob o aspecto das últimas negociações da Rodada de Doha?

A Rodada está sendo prejudicada pelas ambições irrealistas dos EUA e pela falta de compromisso da União Europeia em suas propostas. Ambos estão tentando transferir a culpa [pelo emperramento nas negociações] para as principais economias emergentes, especialmente a China. Há um grande interesse do diretor-geral, Pascal Lamy, em tentar avançar as negociações neste primeiro semestre de 2011.

De que maneira as economias emergentes têm se colocado diante das desenvolvidas nas discussões sobre comércio?

Segundo o Embaixador Ali Mchumo, primeiro líder do Conselho Geral da OMC de origem africana, a falta de orçamento e de missões diplomáticas permanentes prejudicam os países emergentes na execução de funções no mesmo nível de complexidade dos países desenvolvidos. Os diplomatas brasileiros e indianos são muito respeitados por seus pares porque, mesmo com tais dificuldades, conseguem ter voz nas discussões da OMC, com posições conciliadoras.

## Quais negociações ou acordos comerciais foram decisivos na história da Organização?

Observando a OMC desde o seu nascimento em 1995, podemos dizer que a reunião de Doha (2001) é, sem dúvida, sinôni-

mo de uma negociação bem-sucedida e que recuperou os fracassos das Conferências Multilaterais de Seattle (1996) e Singapura (1999). A reunião de Cancún (2003) também não conseguiu seguir os passos de Doha. A 4ª Conferência Ministerial de 2001 organizou a criação do Comitê de Negociações Comerciais, hoje presidido pelo Diretor Geral, Pascal Lamy, e espera a conclusão da Rodada Doha. Uma grande tradição da OMC é dar aparência de êxito mesmo ao fiasco. Em Cancún, tentou-se ignorar a posição do G-20, o que levou o Brasil a ameaçar uma contestação em público em caso de uma posição negociadora sobre a agricultura, algo contrário aos seus interesses. ■